



A EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO: UM ESTUDO REALIZADO NO SINDICATO DA AGRICULTURA FAMILIAR DE ANDORINHA, BAHIA

Karina De Araújo Rocha¹; Rosângela Caires Viana²

¹ Licencianda no Instituto Federal Baiano - Campus Senhor do Bonfim/BA, grupo de pesquisa Bolsista do Pibid. e-mail: karina.araujo2028@gmail.com;

² Mestra em Educação de Jovens e Adultos (PPGEJA- UNEB); Professora EBTB Instituto Federal Baiano- campus Senhor do Bonfim- BA, Grupo de pesquisa Programa de Educação Inclusiva (PROGEI), e-mail: rosangela.viana@ifbaiano.edu.br

EIXO TEMÁTICO 8: MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO

RESUMO

Este resumo apresenta a experiência vivenciada no estágio supervisionado III, do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias, do Instituto Federal Baiano, campus Senhor do Bonfim, realizado no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar de Andorinha (SINTRAF), entre 18/09/2024 e 18/12/2024. Voltado para espaços não formais de educação, o estágio integrou conhecimentos das Ciências Agrárias com práticas de Educação do Campo e Extensão Rural. O objetivo norteador foi compreender os desafios e as possibilidades no manejo sanitário de aves na agricultura familiar, visando à implementação de ações de assistência técnica. Adotou-se como estratégia metodológica a abordagem qualitativa e a pesquisa-ação, com palestras e entrevistas para identificar práticas e demandas locais. Os resultados apontaram manejo predominante de aves soltas, falta de vacinação e controle de vetores, destacando a necessidade de práticas sanitárias mais eficazes. Essa troca de conhecimentos com os agricultores (as) proporcionou uma experiência teórico prática valiosa na vivência do estágio supervisionado.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Espaço não formal da educação; Estágio Supervisionado; Educação popular.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um território de vasta riqueza cultural e produtiva, sustentado em boa parte pela agricultura familiar. Contudo, é também um espaço historicamente marcado por desigualdades, incluindo o acesso limitado à educação formal. Muitos agricultores e agricultoras, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na infância e adolescência, encontram na Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma via para a alfabetização e a continuidade dos estudos.

Nesse cenário, as práticas educativas que extrapolam os muros da escola e acontecem em espaços não formais, como associações e sindicatos, adquirem uma relevância fundamental. Tais espaços se transformam em locais para a construção de conhecimento, a valorização dos saberes populares e o fortalecimento da cidadania.

Apresenta-se, neste estudo, um relato de experiência a partir da vivência de estágio supervisionado III, sendo este direcionado para os espaços não formais da educação,



articulando os conhecimentos das Ciências Agrárias com práticas da Educação do Campo, e de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

Esse estágio, inicialmente focado em desafios técnicos do manejo sanitário de aves, revelou-se um profundo processo de Educação Popular. O objetivo deste estudo, portanto, é analisar como as práticas de extensão rural, quando fundamentadas em uma abordagem dialógica e inspiradas na concepção freiriana, podem promover a autonomia, a valorização dos saberes locais e o desenvolvimento sustentável em comunidades rurais. Argumenta-se que a educação, compreendida como um ato de comunicação e troca, é a ferramenta essencial para potencializar transformações sociais positivas, fortalecer a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares. Para sustentar essa análise, o trabalho dialoga com os pressupostos teóricos de autores como Paulo Freire (1969), Carlos Rodrigues Brandão (2008), Maria da Glória Gohn (2014) e José de Sousa Vieira (2005), que oferecem um arcabouço sólido para a compreensão da educação em sua dimensão mais ampla e libertadora.

Portanto, o presente relato de experiência evidencia a relevância do estágio supervisionado como uma estratégia formativa essencial para a consolidação das competências docentes em espaços não formais de educação e também permitiu a construção de ações que impactaram positivamente as comunidades rurais, por meio da difusão de conhecimentos técnicos e o fortalecimento da ATER e o SINTRAF de Andorinha, Bahia.

Para compreender a profundidade da experiência vivenciada no SINTRAF, é imprescindível situá-la no campo teórico da Educação Popular e da Educação Não Formal. Distanciando-se de uma visão que restringe o ato de educar ao ambiente escolar, Brandão (2008) nos lembra que a educação está presente em todos os grupos sociais e pode ser vivenciada de forma livre, por meio das trocas de saberes. Essas trocas ocorrem em múltiplos contextos da vida cotidiana no trabalho comunitário, nas crenças, nas conversas entre gerações, constituindo um processo amplo e complexo que acompanha os indivíduos ao longo de toda a vida.

Sob essa ótica, um sindicato de agricultores familiares não é apenas uma entidade de representação política, mas um vibrante espaço pedagógico, onde saberes são compartilhados, reelaborados e aplicados na prática. Essa prática educativa que ocorre fora do sistema formal de ensino é conceituada por Gohn (2014) como educação não formal. Segundo a autora, ela acontece “no mundo da vida” e é fruto do compartilhamento de experiências, especialmente em espaços e ações coletivas.

Então, essa experiência desenvolvida no estágio, ao promover entrevistas, palestras e diálogos sobre práticas de manejo, se enquadra perfeitamente nesta definição, pois foi uma ação intencional de ensino-aprendizagem em um contexto coletivo e comunitário. Nesse sentido, os autores Pimenta e Lima (2018), reforçam que o estágio é uma oportunidade para o futuro professor desenvolver uma postura investigativa, refletindo sobre sua prática e intervindo de forma crítica e consciente no contexto educacional, contribuindo para a construção da identidade profissional do professor.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no desenvolvimento deste trabalho foi delineada com base na abordagem qualitativa e na pesquisa-ação intrinsecamente alinhada aos princípios da Educação Popular. A abordagem qualitativa mostrou-se adequada para compreender as relações, comportamentos e os significados atribuídos pelos participantes, permitindo uma análise aprofundada do contexto investigado.



Mais do que isso, a pesquisa-ação, definida por Thiollent (1986) como uma pesquisa social de base empírica, concebida e realizada em colaboração com a solução de um problema coletivo, funcionou como o veículo para a práxis freiriana. Essa metodologia pressupõe a participação ativa e cooperativa entre pesquisador e sujeitos, seguindo um movimento dialético de reflexão-ação-reflexão que promove um aprendizado dinâmico e uma intervenção transformadora.

Essa metodologia foi estruturada em duas grandes fases pedagógicas. O primeiro momento foi uma imersão na realidade local por meio da observação participante. Essa etapa foi crucial não apenas para analisar o espaço físico e os documentos do sindicato, mas para estabelecer um contato próximo com os agricultores, ouvir suas histórias e compreender suas demandas a partir de seu próprio ponto de vista. Foi nesse processo de escuta e diálogo que o desafio das práticas de criação de galinhas emergiu como um “tema gerador”, sendo um problema concreto e significativo da realidade dos sujeitos, a partir do qual todo o processo educativo seria construído.

O segundo momento foi direcionado à ação prática junto às comunidades rurais, através de palestras, entrevistas e diálogos. Esses instrumentos, no entanto, foram utilizados não apenas como ferramentas de extração de dados, mas como espaços de diálogo e construção coletiva de conhecimento. As entrevistas, que continham 19 perguntas objetivas sobre o perfil dos agricultores e suas práticas de manejo sanitário das aves, serviram como ponto de partida para conversas mais profundas, permitindo captar opiniões e percepções de maneira mais completa do que um simples questionário permitiria.

As palestras, por sua vez, foram organizadas como rodas de conversa, onde eixos temáticos como limpeza de equipamentos, bem-estar animal e prevenção de doenças eram discutidos coletivamente. Essa metodologia permitiu que a intervenção fosse constantemente alimentada pela realidade, garantindo que as soluções propostas dialogassem diretamente com as práticas tradicionais e as demandas locais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisados sob a ótica da Educação Popular, os resultados da experiência transcendem os dados técnicos sobre avicultura. As entrevistas revelaram que a criação de galinhas caipiras, além de sua importância cultural, complementa a renda de 71,8% das famílias, sendo uma atividade de grande relevância socioeconômica.

Contudo, foram os desafios de manejo como a ausência de vacinação, a não separação de aves doentes e o uso de água não tratada que serviram como a problematização inicial para o diálogo educativo com os agricultores familiares. Esses não eram apenas “erros técnicos”, mas práticas enraizadas de geração para geração, que precisavam ser compreendidas e discutidas, não simplesmente substituídas. Um dos achados mais significativos da vivência foi a manifestação do conflito e, posteriormente, da síntese entre o saber popular e o saber acadêmico.

Durante a prática, foram evidenciadas resistências culturais à adoção de novas práticas, e muitos agricultores inicialmente questionaram o conhecimento teórico da estagiária, uma jovem universitária. Essa desconfiança inicial não representa um fracasso do processo, mas sim uma etapa legítima e esperada no diálogo de saberes. Ela reflete a necessidade de construir uma relação de confiança e respeito mútuo, onde o conhecimento técnico só ganha validade quando se mostra útil e aplicável à experiência cotidiana dos agricultores. A superação desse desafio ocorreu através da insistência no diálogo e na escuta.

A fala de uma agricultora, registrada durante o processo, é emblemática e sintetiza a essência da Educação Popular em ação: **“Nós aprendemos a fazer assim com nossos**



pais faziam, mas não é ruim saber como melhorar, se não for muito complicado”. Esta declaração é de uma riqueza imensa. Primeiramente, ela afirma e valoriza o seu próprio saber, o conhecimento tradicional herdado de seus antepassados (“aprendemos com nossos pais”). Em segundo lugar, ela demonstra uma abertura à inovação e ao conhecimento novo (“não é ruim saber como melhorar”). Por fim, ela estabelece uma condição crucial para que esse novo conhecimento seja aceito: ele precisa ser prático, acessível e adaptado à sua realidade (“se não for muito complicado”).

Essa fala representa o sucesso da abordagem dialógica: não houve imposição, mas uma negociação de saberes que resultou em uma síntese enriquecedora para ambos os lados. Essa experiência no SINTRAF evidenciou o papel estratégico da entidade como articuladora de ações que beneficiam os agricultores e ampliam sua visão sobre a necessidade de integrar saberes. A interação e a troca de conhecimentos não apenas impactaram positivamente as comunidades rurais, mas também proporcionaram uma formação profissional e reflexiva para a licencianda, destacando a importância de unir teoria e prática em prol do desenvolvimento social e da educação no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estágio foi alcançado, pois proporcionou não apenas a vivência prática em espaços não formais de educação, mas também efetivou a integração entre conhecimento acadêmico e saberes tradicionais das comunidades rurais. A troca de experiências durante as atividades permitiu fortalecer a conscientização sobre o manejo sanitário de aves, criando um ambiente propício para o diálogo entre todos os participantes e promovendo uma aprendizagem significativa.

Assim, as ações realizadas atenderam às expectativas iniciais, resultando em ganhos concretos tanto para a formação do licenciando quanto para a comunidade envolvida, e reafirmando o papel transformador da educação no campo. Fica o convite para que mais experiências acadêmicas explorem o potencial dos espaços não formais, unindo teoria e prática para fortalecer não apenas a produção agrícola, mas, sobretudo, a emancipação e a qualidade de vida das comunidades rurais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 8. ed. São Paulo, Sp: Paz e Terra s / A, 1985. 93 p. Tradução de: Rosisca Darcy de Oliveira. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 28 dez. 24.
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Revista Investigar em Educação-II Serie Numero1, 2014.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. 8. ed. São Paulo -Sp: Cortez, 2018. 312 p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=NXdZDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=SELMA+GARRIDO+PIMENTA+EST%C3%81GIO+SUPERVISIONADO&ots=BxiIdfvE7u&sig=KS3WnSh-g_JJXo2AjZxw-Mclbk&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28 dez. 24.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1986.
- VIEIRA, Valéria; Bianconi, Maria Lúcia; DIAS, Munique. Espaços não formais de ensino e o currículo de ciências, Ciências e Cultura. São Paulo, n. 4, Oct./Dec.2005.